

TOMAZ  
DE FIGUEIREDO

MONÓLOGO EM ELSENOR I

NOITE DAS OLIVEIRAS • A MÁ ESTRELA



IMPRESA NACIONAL - CASA DA MOEDA

## O MONÓLOGO EM ELSENOR. UM ESTILO NOVO DE NARRAR

*Com esta edição vem pela primeira vez à luz o texto completo do Monólogo em Elsenor, visto que à série das narrativas constituída pela Noite das Oliveiras, A Má Estrela e Túnica de Nesso<sup>1</sup> se junta agora o inédito Memorial de Ariel.*

*Vêm de longe, na história da ficção narrativa, as séries mais ou menos extensas consagradas por escritores a histórias interligadas pelas personagens, às vezes pertencentes a sucessivas gerações de uma mesma família, às épocas ou aos meios em que elas se movimentam no palco desse mundo imaginado que é o romance. Basta lembrar, embora sob formas diferenciadas, La Comédie Humaine, de Balzac, Les Rougon-Macquart, de Émile Zola, ou À la Recherche du Temps Perdu, de Marcel Proust, entre outros. E tão grande foi o entusiasmo suscitado pela sua recepção que facilmente passaram à representação televisiva em séries de conhecido sucesso, a resultar, nos nossos dias, na voga verdadeiramente epidémica das telenovelas, em longos e intrincados desenvolvimentos de todo alheios às mais elementares regras de verosimilhança, quando não do bom senso e do bom gosto. Uma das explicações para esses índices de recepção é, em meu entender, uma real ou pretensa proximidade entre a vida do quotidiano e a ficção, através da qual o espectador se identifica com os problemas das personagens que a todo o momento lhe entram em casa, ou, pelo menos, com aqueles*

---

<sup>1</sup> Foram publicadas pela primeira vez pela Editorial Verbo em 1965, 1969 e 1989, respectivamente.

*mundos que fantasia para si, numa espécie de bovarysme, esteticamente deslocado no tempo e no espaço, mas nem por isso menos atraente, sobretudo em épocas de crise.*

*Ora, sem ter sido, por certo, consumidor de telenovelas, Tomaz de Figueiredo soube construir com mão de mestre, e renovando de modo singular as técnicas da narrativa, uma boa parte do mundo por ele vivido, numa síntese de géneros onde o lirismo e o romanesco encontram as raízes mais profundas na sua própria vida ou naquilo que ele gostaria de ter vivido.*

*Uma das questões que de há tempos a esta parte mais têm vindo a despertar, quase diria a seduzir, a curiosidade do eterno leitor que sou é a relação intrínseca que prende o mundo ficcional de cada romancista ou poeta à vida por ele sofrida, através de uma transformação ou simbiose de misteriosos meandros e operada com base na memória, graças à imaginação e ao exercício de uma sensibilidade simultaneamente afectiva e estética. Camilo Castelo Branco, autor tanto da predilecção de Tomaz de Figueiredo, que bem se pode dizer ser um dos seus grandes continuadores na arte da narrativa, fazia dessa relação uma das fontes mais abundantes da sua exuberante produção novelesca. Mais do que poderia julgar-se, acalmados que vão os exageros estruturalistas, marcados por um acéfalo proselitismo em detrimento de uma verdadeira ponderação crítica, para decretarem ex cathedra a «morte do autor», o assunto reveste-se hoje de uma importância tanto maior quanto melhor permite aferir, com seguro padrão, a qualidade estética do texto literário, mediante um mais rigoroso conhecimento dos mecanismos através dos quais, pela palavra, a vida se transforma em*

*arte. Estas considerações, porventura ainda descabidas para muitas orelhas loucas à força de serem moucas, aplicam-se com meridiana evidência para Tomaz de Figueiredo, como para Camilo; mas o melhor conhecimento dos textos de Eça, de Camões e de tantos outros não lhes ficará menos deverdor!*

*Tomaz de Figueiredo, para além do profundo, diria mesmo emocionado, prazer estético e espiritual que o seu leitor bebe a largos tragos na sua prosa de maravilha, oferece ao estudioso da nossa língua e da nossa literatura largo campo de reflexão para a dilucidação do mistério que esta metamorfose implica e esconde, em cada página deste seu enigmático Monólogo em Elsenor. Será por isso tarefa prioritária e fundamental um conhecimento tão exaustivo quanto possível dos pormenores da sua biografia, sobretudo através da exploração metódica do seu espólio, e de modo especial da sua epistolografia. Não que a utilização dos elementos a recolher dessa pesquisa interesse a curiosidade mesquinha de quem a ela proceder ou de quem dela tiver conhecimento, pretendendo ver em cada atitude confessional das personagens ou no seu enquadramento sócio-familiar um retrato em corpo e alma do criador que lhes deu vida, mas para determinar os processos e caminhos dessa poetização através da imaginação.*

*Creio que pode sem exagero afirmar-se que nestes casos a qualidade estética, e mais precisamente poética, da obra narrativa é tanto maior quanto maior for o grau de transformação a que o autor sujeitou os dados da sua própria biografia ou da vida das pessoas que, por afectos de vária índole, fossem de amor ou de rejeição, lhe estiveram mais ou menos próximas.*

*Veja-se como as suas experiências de escritor incipiente vividas no tempo em que frequentou a Universidade de Coimbra ficaram tão genuinamente transpostas nas páginas do *Nó Cego*, esse romance à clef onde vivem de modo tão sugestivo claras ressonâncias da literatura universitária coimbrã, quando as experiências de inovação poética encontravam expressão em revistas como a *Byzâncio* ou o *Tríp-tico*, também evocadas, entre um sorriso de ironia e o desfazer de uma saudade, nas páginas do *Memorial de Ariel*.*

*É que, bem vistas as coisas, no *Monólogo em Elsenor* mergulham, porventura com maior profundidade do que n' *A Toca do Lobo*, de 1947, ou do que n' *Uma Noite na Toca do Lobo*, de 1952, as raízes mais fundas da íntima relação, e conseqüente qualidade poética, que na sua obra se manifesta entre a grande tradição da prosa portuguesa e o impulso com que renovou, como nenhum outro dos nossos contemporâneos, a arte de narrar em português. Precedia nessa empresa, e recorrendo para isso a processos bem diferentes, mesmo se pensarmos em prosadores seus contemporâneos, fortemente marcados por igual intenção, e em especial *Vergílio Ferreira*, quantos como eles, embora por caminhos e idiolectos bem diversos, deles se quiseram aproximar nessa tarefa, sem, no entanto, os igualarem sob este aspecto.*

*Está por fazer o levantamento exaustivo das leituras de *Tomaz de Figueiredo*, ou da sua «biblioteca», no sentido borgesiano da palavra. E seria urgente que se fizesse, para determinar com precisão um dos mais fecundos mananciais da sua concepção de narrativa e do seu estilo. Uma coisa, porém, não sofre dúvida — essa «biblioteca» foi mui-*

*to rica e da mais ampla variedade, tanto no tempo como no espaço. Nos portugueses, vinha desde os medievais até Camilo, Eça e outros mais recentes, seus contemporâneos, agrupados à volta da Presença. Mas nem só de prosadores se formara a estética do poeta essencial que nele vivia, mesmo quando escrevia prosa. O leitor inveterado que sempre nele viveu passava com rara facilidade e encanto dos trovadores galego-portugueses a Camões, a António Nobre e a quantos apostavam na renovação de que Eugénio de Castro era então considerado como um dos mais ousados representantes. Mas lá encontramos muitos outros das literaturas europeias, pois a sua insaciável sede de ler era permanente, desde muito jovem: de Dante a Shakespeare, de Montaigne a Cervantes, de Byron a D'Annunzio, de Jean Giono a Lorca, a Proust e a Joyce. E não falo, por agora, dos clássicos gregos e latinos.*

*Desta sua extraordinária gama de interesses e leituras encontramos constantes sinais, sob as múltiplas formas de uma intertextualidade que não abafa, antes aprimora, o seu vibrátil sentir poético, até porque se vai revelando por entre sinuosas divagações de monólogo, no mundo ficcional das suas personagens, como uma espécie de confissão, onde o saber se vê assimilado, numa cerrada tessitura musical, que logo dá origem a uma simbiose de elementos, onde as cordas da sensibilidade vibram numa inimitável harmonia de beleza.*

*E como se a poesia não bastasse, a música completava e envolvia esse saber de leituras feito, quer fosse tirada das cordas da harpa familiar pelos dedos alados da tia Henri-*

*queta, quer fosse arrancada às teclas do Pleyel pela agilidade das suas mãos de poeta cuja força máscula se adoçava pela evocação daqueles mesmos dedos de senhora etérea que em certas noites descia, num raio de luar, a visitar a solidão do sobrinho amado. Veja-se, como simples exemplo, este passo da Noite das Oliveiras, que me antecipo a recordar. É quando, para evocar o soneto dito num baile à mulher amada, ele, ansioso por atingir os píncaros do ideal, troca as palavras pela música, num jogo de referências históricas e culturais de belíssimas ressonâncias significativas:*

Vais ouvir no *Pleyel* o resto. Primeiro, uns acordes tenuíssimos, quase sombras de acordes longínquos. Tornava eu, agora já tornava dum baile onde vira... Onde vira quem?... Onde vira Beatriz de qualquer coisa... Beatriz de Aragão, talvez... Ou Beatriz de Este... Ou della Sermoneta. E não, Beatriz Colonna. Da gente dos Colonnas... Da de Vittoria Colonna. E queres tu saber porquê? Porque, no baile, dissera eu a essa Beatriz um soneto — não um soneto meu. Nunca, e sim de Vittoria Colonna, aí tens, por ela ser uma Colonna — aquele que abre por *Scrivo sol per sfogar*, esse em que Vittoria diz serem lágrimas os seus versos, nunca artifício literário, que escreve só para afogar a dor. E a Beatriz de que te falo, Beatriz, pensou que era meu o soneto, apesar de tão belo, ou talvez por ser belo, visto que tudo achava possível me nascesse do coração. Porque do meu coração e do meu amor tudo podia esperar. Porque eu era um Poeta, e acima dos poetas, só Deus.

## ÍNDICE

<i>O Monólogo em Elsenor. Um estilo novo de narrar,</i> por ANÍBAL PINTO DE CASTRO .....	9
---	---

### **MONÓLOGO EM ELSEENOR CICLO DE ROMANCES**

NOITE DAS OLIVEIRAS .....	35
A MÁ ESTRELA .....	231



Acabou de imprimir-se  
em Janeiro de dois mil e sete.

---

Edição n.º 1009343

---

[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
E-mail: [dco@incm.pt](mailto:dco@incm.pt)  
E-mail Brasil: [livraria.camoes@incm.com.br](mailto:livraria.camoes@incm.com.br)